

JM†JE

De

Institutione
Primorum
Monachorum

Qui in lege veteri exortorum et in
nova perseverantium ad Caprasium
monachum liber

Joannis XLIV

Capítulo I

Razão do Livro, nascimento do Profeta Elias, onde viveu primeiro

Com muito justa razão me pedes antes de tudo, amadíssimo Caprásio, que te diga o princípio desta Ordem, como nasceu e onde teve sua origem.

E ainda quanto a verdade desta vida que vou referir-te só a temos recebido pela tradição e a experiência, e só a possam expor com toda claridade e verdade os que a tem vivido, e tu mesmo não chegarás a compreendê-la bem até que com muito esforço e interesse a tenhas procurado estudar e viver, te será, todavia, mas fácil e de maior utilidade conhecer a doutrina da profissão que tens abraçado e te animarás a vivê-la com maior esmero e exortarás com mais proveito aos demais para que a abracem, quando conheças a grandeza de seus autores e fundadores e saibas como foi a origem desta Ordem. E para proceder com método, começaremos dizendo algumas informações do Primeiro Fundador desta religião e do princípio de sua fundação. Depois narraremos alguns santos feitos de sua vida, suas excelsas virtudes e descreveremos o vestido ou Hábito que cobria seu corpo. Trataremos muito brevemente da

pessoa do Fundador, de seus primeiros discípulos, e dos demais Monges antigos que professaram esta religião; o trataremos do mesmo modo que o entenderam e viveram quantos nesta Ordem, passaram sua vida antes que nós, e no-lo ensinaram com suas palavras e com seus exemplos tanto no Antigo como no Novo Testamento. Com isso verás quão sólido é o fundamento para viver este modo de vida, como temos sido, nesta religião, ensinados por Santos tão preclaros e com quanta segurança para a alma podemos continuar vivendo assim; pois não dirigimos a Deus nossos passos e nossos corações guiados por novidades inventadas, nem por fábulas, senão, pelos primeiros e aprovados exemplos de toda a vida monástica, e preparamos e aplainamos o caminho por onde o Senhor há de vir a nossa alma, para que *quando chegar e chamar, saíamos, em seguida a abrir-lhe* (Lc 12,36), pois, nos disse: *Eis que estou à porta (do seu coração), e bato. Se alguém ouvir a minha voz, e me abrir a porta, entrarei nele, e cearei com ele e ele comigo* (Ap 3,20).

Sabes, e recorda-o agora, que, desde o tempo do rei de Israel Acab, até a Encarnação de Jesus Cristo, transcorreram quase noventa e quatro décadas de anos. Acab, como nos dizem os sagrados historiadores, começou a reinar nessas décadas anteriores à Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Pois, durante o reinado deste Acab, rei de Israel e em seu domínio, viveu um grande Profeta, chamado Elias, nascido em Tésbis, na região de Galaad, pertencente à tribo de Aarão e filho de Sobac. Por ser natural de Tésbis, Elias era conhecido com o nome de Tesbita.

Elias habitou mais tarde na cidade de Galaad, assim chamada pelo monte em que ela está situada, como se chamou também Galaad a região que está na outra parte do Jordão, porém vizinha com o monte e que tocou em sorte à tribo de Manassés.

Capítulo II

Elias o primeiro monge, institui a vida monástica por inspiração de Deus. Do retiro de Elias no deserto. Do duplo fim da vida eremítica.

Este Elias, Profeta de Deus, foi o primeiro de todos os monges que têm existido e nele teve princípio a santa e gloriosa instituição monacal.

Com a ânsia que sentia pela divina contemplação e o vêemente desejo de adiantar-se na virtude, se foi para longe das cidades e despojando-se de todos os interesses terrenos e mundanos, se propôs começar a viver a Vida Eremítica, Religiosa e Profética,

Siber de Institutione

consagrando-se a ela, como nenhum até então, o havia feito. Com a inspiração e impulso do Espírito Santo, começou a vivê-la e a instituiu.

Aparecendo-lhe o Senhor, lhe mandou fugisse dos povoados dos homens e se escondesse das gentes, no deserto e vivesse daí em diante a Vida Monástica, do modo que Ele lhe havia inspirado.

Isto se prova claramente com as Palavras da Sagrada Escritura. Referindo-se a isto lemos no Livro dos Reis: *“E dirigiu o Senhor a Sua palavra a Elias dizendo: Retira-te daqui e vai para a banda do oriente, e esconde-te junto da Torrente de Carit, que está defronte do Jordão. E lá beberás da Torrente; e Eu mandei aos corvos que te sustentem ali mesmo”* (I Reis 17,2-4). O Espírito Santo pôs em Elias um veemente desejo de executar o tão santo e tão conveniente mandato que lhe havia inspirado, e o escolheu e fortaleceu para que pusesse em obras tão desejadas promessas.

Os religiosos Monges Eremitas tanto mais devemos meditar cada uma destas palavras, não só no sentido literal histórico, senão no místico principalmente, e com tanta maior solícitude, quanto que nelas se encerra mais perfeita a Instituição, isto é: o modo de vida para chegar à perfeição profética e ao fim da vida religiosa eremítica.

Esta vida de perfeição religiosa encerra dois fins: um, podemos alcançar com nossos esforços e o exercício das virtudes, ajudados da Divina Graça. Este fim consiste em oferecer a Deus o coração santo e limpo de toda a atual mancha de pecado.

Conseguimos este fim quando somos já perfeitos e estamos em Carit, ou seja: quando nos achamos escondidos naquela caridade da qual disse o Sábio: “*A caridade cobre todas as faltas*” (Prov X, 12). Mostrando o Senhor a Elias que queria chegasse a este fim da caridade lhe disse: *Te esconderás na Torrente de Carit.*

O outro fim da vida santa eremítica é dom totalmente gratuito de Deus e que Ele comunica à alma. Consiste em que, não só depois da morte, senão ainda nesta vida mortal, possa saborear no afeto do amor e no gozo da luz do entendimento, algo sobrenatural do poder da Presença de Deus e do deleite da Eterna Glória. Isto quer significar beber da torrente da delícia Divina. Deus prometeu este fim a Elias ao dizer-lhe: *E aí beberás da Torrente.*

Para conseguir estes dois fins há de abraçar o monge a vida profética e eremítica como o disse o Profeta: *Nesta terra deserta, e sem água, me ponho em Tua Presença, como se estivesse no Santuário para contemplar teu poder e tua glória* (Sl 62,2-3).

Pelo mesmo que escolheu viver na terra deserta, intransitável e sem água, para apresentar-se deste modo como num santuário diante do Senhor, que é o coração limpo de pecado, assinala o primeiro fim da vida solitária escolhida, que é oferecer a Deus o coração santo e limpo de todo pecado atual.

No que continua: *Para contemplar teu poder e tua glória*, claramente expressa o segundo fim da vida eremítica, que consiste em experimentar de alguma maneira nesta vida, ou ver misticamente dentro da alma, algo do poder da Divina Presença e saborear a doçura da Eterna Glória.



O primeiro fim, que é o coração limpo, se alcança pelo esforço e a prática das virtudes, ajudados da Divina Graça. O segundo se chega pelo amor perfeito e pela pureza de coração; quer dizer: se chega a saborear deleitosamente algo de uma tão alta notícia de Deus e da celestial glória segundo o disse o Senhor: *O que Me ama, será amado por meu Pai, e Eu o amarei e Eu mesmo me manifestarei a ele* (Jo. XIV, 21).

Pois segundo as palavras que até aqui temos copiado, Deus disse a Elias para ensinar-lhe, como a primeira e principal cabeça de todos os monges e nele persuadir-

nos a todos quantos nos propomos imitar-lhe: *Que sejamos perfeitos, assim como nosso Pai Celestial é perfeito (Mt V, 48); e, sobretudo mantende a caridade, a qual é o vínculo da perfeição (Col. III, 14)*. Para que cheguemos a obter os dons da perfeição aconselhada e a gozar da visão de glória prometida a Elias pelo Senhor nas palavras citadas, esforcemo-nos com atenta diligência por entendê-las com precisão e logo colocá-las por obra. Quando o Senhor fala a Elias, diz a qualquer religioso eremita do Antigo ou do Novo Testamento: *Sai daqui*, isto é: das coisas mundanas e transitórias, *e vai até o oriente*, isto é: dirige tua guerra até a nativa concupiscência de teu corpo, *e esconde-te na Torrente de Carit*: não vivas nas cidades entre as pessoas, senão, *além do Jordão*, que é viver separado dos pecados pela caridade.

Subindo por esses quatro graus chegarás até o cume da perfeição profética *e ali beberás da Torrente*. E, para que não te falte a perseverança nesse modo de viver, *ordenei aos corvos que te levem ali de comer*.

Compreenderás isto com maior claridade quando o explique ordenadamente expondo frase por frase. Agora te aconselho estudares estes graus por ordem e discorras sobre cada um deles.

Capítulo III

Do primeiro grau da perfeição monástica, ou seja: da renúncia de bens e do afastamento da família

O primeiro que te disse em minha disposição foi: *Sai daqui, ou seja: sai da casa de tua terra, e de tua parentela e da casa de teu pai (Gn XII, 1)*, cuidando de não ter no coração nenhum afeto nos bens de tua família, nem nas riquezas perecedouras deste mundo, mas *saias de fato, desfazendo-te dos bens, porque qualquer de vós, que não renuncia tudo o que possui, não pode ser meu discípulo (Lc XIV, 33)*. Pois, se a possessão das riquezas não fecha a porta do Reino Celestial ao rico enquanto não põe nas riquezas o coração, como nos disse o Sábio: *Bem-aventurado o rico que é encontrado sem culpa e que não anda atrás do ouro, nem põe sua esperança no dinheiro e nos tesouros (Eclo XXXI,8)*; mas com o que o mesmo Sábio continuou dizendo: *Quem é este e o elogiaremos?* Ensinou-nos claríssimamente quão difícil é encontrar um homem que, possuindo riquezas, não tenhas o afeto de seu coração nelas. É que o coração do homem se apega facilmente ao que ordinariamente trás gosto. Enquanto se possuem as riquezas, elas mesmas

aumentam no coração a chama e produzem uma nova ânsia mais veemente como disse o Sábio: *O rico está tão repleto de manjares que não pode dormir (Ecle V,11)*. Fatigado no inútil amor das riquezas, vendo-se forçado a administrar os muitos bens, sente-se continuamente afligido debaixo do peso de incessantes cuidados, os quais lhe barram o passo para que não possa nem sequer ter desejos de cumprir os preceitos do Senhor. *Os cuidados do século, e a ilusão das riquezas e os demais apetites desordenados a que dão entrada, afogam a Palavra Divina e vêm a ficar sem fruto (Mc IV,19); por isso dificilmente entrará o rico no Reino do Céu (Mt XIX,23)*. “Portanto, filho meu, se tu queres ser perfeito e chegar a viver bem o fim da vida monástica eremítica, e ali beber da Torrente, sai daqui, ou seja: afasta-te das coisas precedouras deste mundo, deixando de coração e por obra todos os teus bens terrenos, por Meu Amor. Porque este é o caminho mais fácil e mais seguro para caminhar à perfeição profética e também para chegar ao Reino dos Céus.” *Todo o que tiver deixado casa ou irmãos, ou pai, ou esposa, ou filhos, ou heranças por causa de Meu Nome, receberá cem vezes mais em bens mais sólidos (Mt XIX, 29)*, saboreando já nesta vida de antemão da suavidade de minha doçura, cem vezes muito superiores às doçuras terrenas e logo possuirás a *Vida Eterna*.

Capítulo IV

Segundo grau da perfeição monástica. Da renúncia da própria vontade e de sujeitar as inclinações da carne

Muito brevemente te expliquei o primeiro grau, pelo qual poderás subir ao cume da perfeição profética. Escuta agora a explicação do segundo grau: continuo minha exortação dizendo-te: E encaminha-te contra (até) o oriente; ou seja: luta por fazer a desordenada inclinação de tua natural concupiscência carnal. Porque deve ter presente que *no dia de teu nascimento não te arrancou a raiz do pecado (Ez XVI, 4), e nasceste todo envolto no pecado (Jo IX,34)*, como de toda pessoa que nasce de homem e mulher disse o Profeta: *Olha que fui concebido em iniquidade e que minha mãe me concebeu em pecado (Sl L,7)*. Deste pecado original é que nasce todo homem, procede que *a carne tem desejos contrários aos do espírito (Gl V, 17)*. O Apóstolo diz: *mas vejo outra lei em meus membros, a qual resiste à lei do meu espírito e me subjuga à lei do pecado que está em meus membros (Rm VII, 23)*. Esta lei do pecado é a porta larga pela qual entra o que consente no pecado e é o caminho espaçoso por onde vai o homem quando vive segundo sua concupiscência, que conduz à

perdição, sendo muitos os que entram por ela (Mt VII,13). Mas ao que se oferece ao serviço de Deus, lhe convêm abster-se dos desejos carnaís, que combatem contra a alma (I Pd II, 11) e permanecer na justiça e temor de Deus, preparando sua alma, não para o descanso e o regalo, senão para a tentação e para a angustia, pois é necessário passar por meio de muitas tribulações para entrar no Reino de Deus (At XIV, 22), porque apertada é a porta, estreita a senda que conduz à Vida Eterna e poucos os que entram por ela (Mt VII, 14) já que “são poucos os escolhidos e pequeno o rebanho o qual se compraz Meu Pai celestial de dar-lhe o Reino dos Céus. Pois, filho meu; se tu queres ser perfeito e chegar a conseguir o fim da perfeição profética e eremítica, e ali beber da Torrente, caminha até o oriente, ou seja: luta contra a natural concupiscência ou contra os apetites contrários de tua carne e não reine o pecado em vosso corpo mortal de modo que obedeça às suas concupiscências (Rm VI, 12): Porque conheço e sei reservar os maus para os tormentos do dia do juízo: e, mormente aqueles, que para satisfazer seus impuros desejos, seguem a concupiscência da carne e desprezam a Soberania. Não te deixes arrastar por tuas paixões e aparta-te de teu próprio querer (Eclo XVIII, 30), prescindindo totalmente dele e entrega-te à reta vontade do Superior submetendo-te humildemente por

Meu Amor até a morte. *Não é o discípulo maior que o Mestre (Mt X, 24); mas o discípulo que é como o mestre, é perfeito. Eu o Senhor e Mestre dos Profetas descí do Céu não para fazer minha vontade, mas a Vontade do Pai, que Me enviou (Jo VI, 38), e Me fiz obediente até a morte e morte de cruz (Fl II, 8). Por isso, se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, carregue a sua cruz e siga-me (Mt XVI, 24), e o que não carrega sua cruz e me segue, tampouco pode ser meu discípulo (Lc XIV, 27). Se queres, pois, caminhar até o oriente, ou seja: contra a natural concupiscência de tua carne para vir após Mim, escuta como tens que levar tua cruz: O que está encravado na cruz, não pode mover seus membros, nem ainda dar voltas segundo desejos, senão que há de estar necessariamente fixo e imóvel onde lhe encravou e como lhe encravou o crucificador; deste mesmo modo hás de permanecer tu encravado e te hás de negar a ti mesmo sem que escolhas tua vontade o que no presente te agrada ou deleita, senão que hás de abraçar com toda a tua vontade o que a Minha dispõe de ti e todo o tempo que na terra viveres vivas não conforme as paixões humanas, senão conforme a vontade de Deus (I Pd IV, 2). E como o que está encravado na cruz, não se detém a contemplar o que está diante de seus olhos, nem trás à memória o passado, nem se preocupa como viverá o dia de*

amanhã; não lhe move a sensualidade da carne, nem lhe envaidece, nem lhe excita a soberba, nem o menosprezo, nem a vingança, nem a inveja, senão que ainda respirando seu corpo, se considera ele morto ao mundo e só fixa sua atenção onde sabe com certeza que em seguida chegará; assim tu, encravado com o santo Temor de Deus, debes estar morto a quanto acabo de dizer-te, e debes ter fixa tua atenção aonde em cada instante esperas que vais entrar.”

Caminha, pois, como se te indica, *até o oriente*, ou seja: a desfazer a nativa concupiscência de teu corpo. Por isso *os que são de Cristo têm crucificada a sua própria carne com os vícios e paixões (Gl V, 24) levando sempre manifestada em seu corpo por todas as partes a mortificação de Jesus a fim de que a vida de Jesus se manifeste também em seus corpos (II Coríntios IV, 10) e quando chegue a transformar-se na vida de Cristo, irás por ela à posse da glória sobrenatural como o disse o Apóstolo: mortos estais e vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando aparecer Cristo, que é vossa vida, então vós também aparecereis com Ele gloriosos (Cl III, 3-4).*

Aqui está como muito brevemente coloquei diante de tua consideração o segundo grau por onde hás de subir ao cume da perfeição profética.

Capítulo V

Terceiro grau da perfeição monástica, ou seja: da castidade e da solidão em que deve viver o monge

Agora procura compreender bem o terceiro grau. Em minha exortação se continua dizendo: *e esconde-te na Torrente de Carit*. Não quero que daqui por diante convivas com as gentes da cidade, *pois vejo que a cidade está cheia de iniquidade e discórdia. Dia e noite dão voltas sobre seus muros a iniquidade. No meio dela habita a opressão e a injustiça; não se apartam de suas praças a usura e a fraude (Sl LIV, 10-12)*. E porque é necessário evitar tudo isso, o Profeta que te é dado por modelo, escolheu viver no deserto e não na cidade. Disse: *Olha como me afastei fugindo e permaneci em solidão (Sl LIV, 8)*. E o Sábio diz: *Guarda-te de encontrar a multidão na cidade, e não te metas no tumulto do povo. Não acumules pecado sobre pecado; porque nem ainda um só ficará sem castigo (Eclo VII, 7-8)*. Como, segundo o Sábio, vivendo em *monos* (ou seja, só ou único) não te verás livre de pecado, deves temer e chorar em solidão, isto é, cumprir com a obrigação do monge. *Monos* em grego significa único ou sozinho; *Ajros* em grego significa triste, daqui procede a palavra

monástico, que é igual a *sozinho* e *triste*, e que há de chorar em solidão seus pecados e os alheios e se te dá que escolhas isso o que seja teu trato com as gentes da cidade. Pois se, segundo nos diz o Sábio, vivendo único, que é sozinho, em solidão, ainda não poderás ver-te livre do pecado, quanto mais, continua dizendo, acumularás pecado sobre pecado se vives no meio das gentes e aumentarás em dobro os pecados. E por isso te convêm tremer e chorar mais largamente.

Retira-te, pois, das afluências das gentes, não aconteça que, vivendo na cidade, te vejas forçado a fazer voluntariamente o que não necessitava teu natural; tal seria que te irritasses pela ira do outro, suportasse as lutas do outro, ou seria ocasião de tua queda o olhar da mulher desenvolta, ou te atraia a abraços ilícitos, a beleza encantadora de um corpo, ou te sujeitem os laços da avareza, ou de outros vícios; de tudo isso se vê livre o que vive em solidão. *Quem deixou em liberdade o onagro (asno selvagem) e quem soltou suas ataduras, senão o que lhe deu casa no deserto e albergue em uma terra estéril? Por isso despreza o gentio as cidades (Jó XXXIX, 5).*

O asno é um animal, que gosta da solidão, e é figura do eremita, que afastado das gentes das cidades, conversa amorosamente com Deus. Deus lhe rompe os laços dos pecados e lhe perdoa tirando-lhe da escravidão do mal,

quando escolhe por morada a solidão e por albergue a terra estéril, na qual cresce a sede, para que sinta a sede da justiça da Pátria celestial. Pois Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados (Mt V, 6).

Pois, filho meu, se tu queres ser perfeito e conseguir o fim da vida monástica e eremítica, e ali beber da Torrente, esconde-te na Torrente de Carit, guardando silêncio em solidão recôndita.

Conhecendo tua fragilidade e a fraqueza do vaso que levas, deves ter medo de tropeçar na cidade e a chocar e então, talvez caias e te partas. *Senta-te, pois, só e calado porque bom é aguardar em silêncio a salvação que vem de Deus (Lm 3,26).*

Pelo mesmo esconde-te na Torrente de Carit, que significa *separação*, porque é de suma conveniência para alcançares a perfeição profética, que está escondido e afastado do trato com homens, que não te unas à mulher como refúgio. *Coisa louvável é o homem não tocar a mulher (I Cor VII, 1); para o demais eu digo isso para o proveito teu... E somente para exortar-vos ao mais louvável, ao que facilita para servir a Deus sem nenhum embaraço (1 Cor VII, 35).*

É conveniente para ti se separar dos que te impedem de se entregar totalmente a Deus em vida perfeita.

O cuidado do mundo e o engano das riquezas afogam a palavra de Deus e impedem a alma de amar a Deus com todas as suas forças.

Segundo o Sábio: *os que amam a Deus conservam sua palavra (Eclo II,18); mas o que vive com mulher, está ocupado com as coisas do mundo e não se determina a entregar-se por completo à perfeita união com Deus. Anda ocupado... em como agradar a mulher, mas o que não tem mulher, anda unicamente solícito das coisas do Senhor; e o que há de fazer para agradar a Deus (I Cor VII, 26-40). E assim, se estás sem mulher não busques casar-te; muito feliz serás se permaneceres segundo meu conselho (1 Cor VII, 26-40), para que sejas daqueles que se fizeram impotentes pelo Reino dos Céus (Mt XIX, 12). Por minha parte lhes darei um lugar distinguido em minha casa, e dentro de meus muros, e um nome mais apreciável do que lhe dariam os filhos e filhas: dar-lhes-ei um nome sempiterno que jamais se acabará (Is LVI,5).* Vês como te expliquei o terceiro grau por onde pode chegar ao cume da perfeição profética.

Capítulo VI

Quarto grau da perfeição monástica. Da caridade perfeita e da fuga dos vícios.

Escuta agora a explicação do quarto grau. Em minha advertência exortatória se continua dizendo: *A Torrente de Carit está em frente ao Jordão*. A palavra Jordão significa *inferior*; pelo mesmo, não está fora de sentido dizer que significa *pecado*. Pode haver algo que faça descer o homem da imagem e semelhança de Deus que tinha, até a miséria e torpeza tanto como o pecado, que é a transgressão dos Mandatos Divinos? No-lo afirma o sábio quando diz: *O pecado faz desventurados os povos (Pr XIV, 34)*: Daqui que Moisés disse ao seu povo quando quebrou os Mandamentos de Deus: *te abaterás e serás inferior*. Toda a criatura, ainda quando seja limpa ou formosa segundo seu gênero e espécie, quando é comparada com outra superior, parece feia e manchada, como se descesse de sua natural formosura; e quando se mescla um objeto precioso com outro inferior, desmerece e perde a formosura, ainda quando o objeto de natureza inferior não se desvalorize nem enfeie. Assim o ouro perde valor e formosura quando se lhe mescla a prata.

Mas eu, como está dito na Sagrada Escritura, dotei o homem de tão maravilhosa natureza, que lhe constituiu rei de todas as criaturas. Quando o homem se apega ao gozo das criaturas, perde de sua dignidade e torna pequeno seu coração, sem que as criaturas percam a beleza segundo sua espécie. Esta é a razão que moveu a língua do Profeta a dizer dos que põem seu afeto nas coisas criadas: *foi dissipada a soberba do Jordão (Zc XI, 3)*, ou seja: do pecado; porque os homens, desprezando os mandamentos de Deus pelo pecado se envaidecem contra Deus, outro tanto depois, decaem por ele no estrago da corrupção e da abominação como o disse o Profeta: *se corromperam e se tornaram abomináveis por seguir suas paixões (Sl XIII, 1. LII, 2)*.

Carit significa separação e, portanto, com razão entendemos a caridade, pois a Divina Caridade separa o homem do Jordão, ou seja, da queda no pecado.

Diz aqui que *Carit*, ou a Divina Caridade, está em frente ou contra o Jordão, que é contra a caída no pecado, pois, segundo nos ensina o Apóstolo: *se um homem estiver dotado de bens sobre todos os demais, se falar todas as línguas e tiver o dom de profecia e dominar toda a ciência; e ainda que distribua todos os seus bens para sustento dos pobres e entregar seu corpo às chamas, porém se lhe falta a caridade, de nada lhe serve tudo isso (I Cor XIII, 2-3)*, nem passa da morte do

pecado à vida da graça, pois o *que não ama permanece na morte (I Jo III,14)*. Afasta-se o homem desta morte e se transpassa à vida pela caridade divina como o disse o mesmo Apóstolo São João: *Nós sabemos que fomos trasladados da morte para a vida porque amamos nossos irmãos (I Jo III, 14)*.

Em verdade *Carit*, ou seja, a caridade, está em frente ou contra o Jordão, sendo o oposto à caída no pecado, pois, como disse o Sábio: *A caridade cobre todos os pecados (Pr X, 12)*.

“Filho, se tu queres ser perfeito e chegar ao cume da vida monástica e eremítica e assegurar-te contra o Jordão, que é permanecer oposto à caída no pecado, esconde-te bem em *Carit*, que é no amor de Deus e ali beberás da torrente: *amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração; e com toda a tua alma, e com toda a tua mente (Mt XXII, 37)*. Quando cumprires isso, então serás perfeito e estarás *escondido em Carit, enfrente do Jordão*, que é o amor de Deus. Se recusares fazer isso, serás um pobre e desgraçado, e não viverás em *Carit*, senão no Jordão, ou seja, no abismo do pecado. E se amas alguma coisa mais que a *Mim*, já não me amas com todo o teu coração, nem estás escondido em *Carit* no amor perfeito de Deus e por ele não te tens achado digno de ver-Me, pois quem ama o pai ou a mãe mais que a *Mim*, não merece ser Meu, e quem ama o filho ou a

filha mais que a Mim, tampouco merece ser Meu. E ainda se amas alguma tanto como a Mim, todavia não me amas a Mim com todo o teu coração nem moras em Carit nem no meu Amor; pois se Me amares com todo o teu coração, por muito que te ames a ti mesmo e a todos os demais, anteporias a todas as coisa Meu amor, e expulsarias e até odiarias tudo quanto incite teu coração a apartar-te de meu amor, *porque se algum dos que me seguem não aborrece* (não ama menos que a Mim), *a seu pai, a sua mãe, a sua mulher e seus irmãos e irmãs e ainda sua própria vida, não pode ser meu discípulo* (Lc XIV, 26). Mas se me ofereces teu coração com tão grande amor e me entregas a ti mesmo com tanta verdade que por amor meu evites e até odeies o que eu quero que se evite e te proíbo, por difícil que te pareça, começarás então a amar-me *com todo o teu coração e com toda a tua alma e com toda a tua mente,* e a viver em Carit, que é a caridade divina; *pois de verdade me ama o que recebe meus mandamentos e os observa* (Jo XIV, 21).” O primeiro e principal de todos os mandamentos é esse: *Escuta ó Israel. O Senhor Teu Deus é o Único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma e com todas as tuas potências.* (Dt VI, 4-5). E como não pode observar esse mandamento quem ama ao próximo, porque *o que não ama seu irmão a quem vê,*

não é possível que ame a Deus a quem não vê (I Jo IV, 20), daqui que o segundo mandamento é semelhante ao primeiro: amarás ao teu próximo como a ti mesmo; ou seja: ama-o no Mesmo e pelo Mesmo que te deves amar a ti; e tu deves amar-te a ti no Bem verdadeiro, não no mal. Se te amares no mal, já não te amarias a ti mesmo, antes te terias ódio; porque o que ama a maldade odeia a sua própria alma. Deves, pois, amar a teu próximo como a ti mesmo no Bem, não no mal para que quanto desejes que te façam os homens, faças tu com eles (Mt VII, 12), e o que aborreças que façam contigo, nunca o faças a outro, já que o amor que se tem ao próximo não lhe faz dano algum (Rm XIII, 10). Deves e amar e portar-te com teu próximo fazendo o que contribua para atraí-lo ao bem, se ainda for mal; e, ao que já é bom, o ajude a perseverar no bem. E a ti deves amar-te não por ti mesmo, senão por Deus; o que se ama por Ele, ama porque nEle põe o fim da alegria e da vida bem-aventurada e só a esperança de chegar a consegui-la é já, nesta vida, grandioso consolo. Nem em ti, nem em homem algum deves por tua esperança de vida feliz: porque maldito seja o homem, que confia noutro homem, e não em Deus e se apóia em carne miserável e aparta do Senhor seu coração (Jr XVII, 5). Há de por em Deus o fim de tua alegria e a segurança de tua vida bem-aventurada como nos disse o

Apóstolo: *Agora, havendo ficado livres do pecado, e feitos servos de Deus, colheis por vosso fruto a santificação e por fim a vida eterna, em Jesus Cristo Nosso Senhor (Rm VI, 22)*. Se o compreendeste bem, vê como deves amar a Deus por Si mesmo; e a ti não por ti mesmo, mas por Deus. E, estando obrigado a amar ao próximo como a ti mesmo, deves certamente amar-lhe não por ele, nem ainda por ti mesmo, senão por Deus. E que outra coisa é isto senão amar a Deus no próximo? O Apóstolo São João nos diz: *Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: se amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos (I Jo V, 2)*. Tudo isso o vives em tua intenção se amas a Deus por Deus, e se por amar de Deus, mas ao próximo como a ti mesmo, já que *nestes dois mandamentos está contida a Lei e os Profetas (Mt XXII, 40) e o amor é o cumprimento da Lei (Rm XIII, 10)*. O Apóstolo São Pedro nos exorta a que cumpramos a lei dizendo: *Sobretudo mantende constante a mútua caridade entre vós; porque a caridade cobre uma multidão de pecados (I Pd IV, 8)*. Porém Carit está menos oposta ao Jordão, quanto é menor teu amor a Deus e ao próximo, pois o amor menos intenso merece menor perdão dos pecados como está escrito: *ama menos aquele a quem menos se perdoa (Lc VII, 47)*;

Eis aqui, que te expliquei o quarto grau, com o qual poderás chegar à Mansão da perfeição profética.

Capítulo VII

O caminho para os religiosos alcançarem a perfeita caridade é a pobreza, a castidade, a obediência e fugir de quanto esfria o amor

Só falta agora que te fixes no que hás de fazer para chegares por estes quatros graus ao cume da perfeição profética e, assim viveres completamente o fim da vida monástica e eremítica.

Em minha proposta se continua dizendo: *e aí beberás da Torrente*. Olha o que te é muito conveniente segundo o Sábio: *nega ao teu corpo o uso do vinho e demais deleites para dedicar teu ânimo à Sabedoria e evitar o erro (Ecle II, 3). Luxuriosa coisa é o vinho, e cheia está de desordens a embriagues. Não é sábio quem a ela se entrega (Pr XX, 1)*. Para que possas chegar mais facilmente à verdadeira Sabedoria, vivendo em Carit, te abstenhas de vinho e para apagar tua sede e repor o vigor de teu corpo, beberás ali da Torrente material, ou seja, da água que ali corre.

“Tem presente que, antes de te dizer: *beberás ali da Torrente*, antepus ensinando-te: *te esconderás na Torrente de Carit*. E, advertidamente, te orientei assim, porque, para que possas beber espiritualmente da

Siber de Institutione

Torrente, te é necessário viver antes em *Carit*, ou seja: estar escondido na caridade. Porém não podes estar escondido nesta divina caridade desde o primeiro momento que comesças a vivê-la, pois já estás advertido que não é qualquer amor divino que apaga todas as culpas, senão só o amor perfeito. Ainda quando desde o primeiro momento em que comesças a amar-Me com todo o teu coração já estás vivendo em *Carit*, ou seja, na caridade divina, nem por isso estás já escondido sem interrupção em *Carit*, ou na caridade, porque não estás de todo separado da atual concupiscência do pecado, já que não desaparecem tão rápido as inclinações ou concupiscências sensuais nem as torpes imaginações quando se recebe o amor, senão, que, às vezes, até se aumentam e se revoltam mais contra ti tentando arrastar teu coração ao proibido, e arrancar-te de novo todo Meu amor. Esta é a causa de que não possas ainda amar-Me de todo o teu coração. Ainda quando teu coração viva habitual e continuamente em meu amor, não podes, todavia, ser perfeitamente atraído para Mim por um atual amor sereno. E para que não voltes a perder este meu amor, te é, então, necessário esforçar-te para vencer as rebeldes imaginações de torpeza e as sensuais inclinações opostas a meu amor. Mesmo depois de as venceres, porque são proibidas ou más, não estarás por isso já escondido em *Carit* ou na

caridade divina, pois, ainda não terás conseguido amar-me com todo o teu coração. Há outras muitas coisas lícitas, que Eu nem te hei mandado, nem proibido: tais são o matrimônio, as riquezas, os negócios terrenos e outras semelhantes já mencionadas. Quando te atas e te comprometes com tudo isso, é certo que não arrancam de todo meu amor de teu coração, porém te impedem recolher-te em Mim e mesmo lembrar-te de Mim, e apagam a chama de meu amor em teu coração, e quanto menor o fervor que tenhas, tanto mais ficarás distante de amar-me com todo o teu coração; menos terás escondido em *Carit*, ou em meu perfeito amor; e menos procurarás chegar à perfeição profética e viver o fim da vida monástica e eremítica. Portanto, filho meu; para que logo possas chegar a esconder-te em *Carit*, ou na caridade perfeita e chegar ao fim que abraçastes, e ali beber da Torrente, fugi não só de quanto te hei proibido e te separa completamente de meu amor como são as inclinações carnis e as imaginações torpes contrárias ao meu amor casto. Fugi também de quanto entorpeça em ti o crescimento de meu amor, como são as coisas que te citei: o matrimônio, as riquezas e todos os demais negócios seculares, que inquietam e atam: *Já que nenhum que se alistou na milícia de Deus, deve embarçar-se com negócios do século, a fim de agradar*

Àquele que lhe alistou (II Tm II, 4). Procura com todo o teu esforço viver tudo o que te mova a crescer em meu amor como são os mandamentos de minha lei e tudo o que antes te aconselhei para que te escondas no amor. Assim, abraçar-te com a pobreza, mate a concupiscência de tua carne, professe obediência e renuncie tua própria vontade, viva em continência e na solidão do deserto. Se te exercitares tanto em viver meus mandamentos e conselhos que, não só tenhas afastado as torpes imaginações e as inclinações de tua carne, senão tudo quanto te impedir ou retardar a cresceres em meu amor, e escolheres praticar as obras, que o fazem crescer, chegarás a amar-me perfeitamente com todo teu coração. Isso com tanta veemência que te unirás a mim em tudo com ardente caridade, que já não sentirás em tua alma nenhum desejo contrário a meu amor, nem o que te retarde em teu exercício. Então estarás escondido em *Carit*, ou na caridade perfeita, e conseguirás o fim que havias abraçado que *nasce de um coração puro, de uma consciência boa e de fé não fingida (I Tm I, 5)*. Tudo que em minha lei te mandei ou aconselhei é para que logo afugentes de ti as torpes imaginações e as concupiscências da carne e do mundo a fim de que teu coração se mantenha totalmente limpo; também para prestes teus serviços em favor do próximo e evites ter

encontros com ele e, deste modo, vivas em paz sem remorsos em tua consciência. Também para que ofereças os obséquios devidos à minha honra e assim, estejas consagrado a meu serviço com fé não fictícia, mas em toda verdade. Recordo-te todas estas verdades e as aconselho para que brote *de teu coração limpo, de tua consciência boa e de tua fé não fingida*, um amor tão incendiado e veemente, que preencha tua alma de paz e serenidade e te unas já totalmente a Mim sem resistência, nem cansaço, nem sintas mais o que é contrário a meu amor ou entorpeça teu espírito, mas que descanses logo em meu amor. Viver a quietude deste meu amor não é outra coisa que ter o coração completamente limpo de toda a atual mancha de pecado e estar escondido em *Carit*, que é aquele amor perfeito do qual disse o Sábio: *o amor apaga todos os pecados*. Quando tiveres chegado a viver com perfeição este fim da vida profética, monástica e eremítica, e estiveres deste modo escondido em *Carit*, ou seja: submergido na caridade perfeita, então *beberás ali da Torrente*; porque nesta íntima união que terás chegado a ter Comigo te darei a beber a ti e a teus irmãos, da água da vida daquela Torrente a que se referia o Profeta quando falando comigo dizia: *lhes dais de beber das torrentes de vossas delícias (Sl XXXV, 9)*. Pois também está escrito: *Se te voltares humildemente para o Todo-*

poderoso, se afastares a iniquidade de tua tenda, Ele te dará em vez de terra, pedernal, em lugar deste, ouro da torrente. Então farás do Todo-poderoso as tuas delícias, e levantarás teu rosto a Deus. “Pois, se uniu a mim, eu o livrarei e a prata entrará em sua casa de montes; (Jó XXII, 23-26).”

Reflete como serás levantado passo a passo ao último grau de amor se te entregas a Deus de todo o coração como te expliquei: Primeiro, hás de afastar a culpa de tua casa, ou seja, de tua alma, porque se não fazes isso não podes unir-te ao Todo-Poderoso como está escrito: *Se dizemos ter comunhão com ele, mas andamos nas trevas, mentimos e não seguimos a verdade (I Jo I, 6), porque são vossos pecados que colocaram uma barreira entre vós e vosso Deus. Vossas faltas são o motivo pelo qual a Face se oculta para não vos ouvir (Is LIX, 2).*

O segundo passo diz: *em vez de terra*, entendendo por terra os terrenos afetos e as riquezas ou bens, que já deixaste, *te dará o Senhor pedernal*, que é uma ardente e intensa caridade.

O *pedernal* é uma pedra dura e própria para a fogueira, da tal pedra se faz sair a faísca de fogo e é como figura daquela caridade perfeita da qual disse o Sábio: *o amor é forte como a morte, a paixão é violenta como o cheol. Suas centelhas são centelhas de fogo, uma chama divina (Ct VIII, 6).* O doador deste fogo santo é Deus como o

diz o Apóstolo: *o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm V, 5).*

O terceiro passo, por *pedernal duro* (a ardente e perfeita caridade em que já vives), *te dará o Senhor, ouro da torrente*, ou seja, aquelas suaves e inefáveis delícias das quais se disse: *Coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou (Is 64,4), tais são os bens que Deus tem preparado para aqueles que o amam (I Cor II, 9).* E se diz que estas delícias são torrentes, porque descem sobre a alma do Profeta com grande ímpeto e muita abundância de gozo ao modo de torrentes, como também está escrito: *As palavras da boca de um homem são águas profundas; a fonte da sabedoria é uma torrente transbordante (Pr XVIII, 4).* Quando domina o calor do sol, a Torrente logo se seca e também estas delícias espirituais se secam e desaparece do espírito do Profeta quando se aviva a sensualidade. É em verdade que nestas *torrentes há ouro*, pois brilham pela chama do amor divino inflama a alma do Profeta e pelo conhecimento claro de Deus que misteriosamente ou misticamente põe no espírito do Profeta como o disse o Senhor: *E aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei e manifestar-me-ei a ele (Jo XIV, 21).* O quarto, quando te for comunicado esta alta e clara

notícia de Deus, *Pois que se uniu a mim, eu o livrarei* defendendo-te contra eles, pois assim o diz o Senhor: *eu o protegerei, pois conhece o meu nome (Sl XC, 14)*. O quinto promete que *a prata entrará em tua casa de montes*; sobre o que disse o Salmista: *As palavras do Senhor são palavras sinceras, puras como a prata acrisolada, isenta de ganga, sete vezes depurada (Sl XI, 7)* o qual não é outra coisa que o amor. Porque, por amor de Deus e para unir-te com o mesmo Deus com coração limpo, saíste do mundo e do trato com os homens e te fizeste digno de que o Senhor te fizesse gozar com abundância de sua divina comunicação, e até te revele, às vezes verdades ocultas e futuras. Então serás cumulado de inestimáveis delícias acerca de Deus e serás fortalecido à vista de tua inteligência para que possas contemplar a Deus, segundo teu desejo sem que ninguém possa estorvar-te.

Vês como te expliquei o modo de chegar à perfeição profética e como conseguirás viver o fim da vida monástica.

Capítulo VIII

Remédios para perseverar humilde na perfeição da vida eremítica.

Convém também que reflitas o que hás de fazer para perseverar vivendo com perfeição a vida eremítica.

Segue minha promessa dizendo: *eis que mandei aos corvos que te levem ali de comer*. Julguei muito necessário dizer-te isso para teu consolo. Pois ainda quando estejas nadando em delícias inefáveis enquanto bebes da Torrente de meu gozo, tua alegria, todavia, não pode ser completa por duas causas:

A primeira porque do íntimo de tua alma sentirás um veemente desejo de já ver claramente meu rosto e ainda não podes vê-lo, *porquanto homem nenhum pode ver a minha face e viver (Ex XXXIII, 20), pois eu habito em uma luz inacessível, a quem nenhum homem viu, nem tampouco pode ver nesta vida*.

A segunda causa é porque, enquanto estás esforçando-te em saborear aquelas inefáveis delícias da Torrente de meu insuperável gozo, de repente te verás privado dela pela fraqueza de teu pobre corpo e te encontrarás de novo contigo mesmo: *porque o corpo corruptível torna*

pesada a alma, e a morada terrestre oprime o espírito carregado de cuidados (Sb IX, 15).

Por estas duas razões: não poder ver claramente meu rosto e não poder permanecer longo tempo naquela gloriosa contemplação de doçura pela fraqueza de teu corpo corruptível; para perseverar na perfeição deves suplicar a Deus com gemido dizendo-lhe: *Ó Deus, vós sois o meu Deus, com ardor vos procuro. Minha alma está sedenta de vós, e minha carne por vós anela como a terra árida e sequiosa, sem água. Quero vos contemplar no santuário, para ver vosso poder e vossa glória! (Sl LXII, 3-4).* Para que então, não morras desconsolado com os incontidos soluços e tristezas do coração pela ânsia de ver-me e a fome de saborear a suavidade da doçura de minha glória, *eis que mandei aos corvos que te levem ali de comer para dar-te consolo.*

Por corvos, se entendem aqui alegoricamente, os Profetas Santos, que te precederam e enviei para que sejam teus modelos. Nunca eles sentiram presunção da equidade de sua vida santa, senão que, conhecendo-se bem pela graça da humildade e vendo sua fraqueza, confessavam a negrura de suas deficiências dizendo: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós (I Jo I, 8).* De cada um destes Profetas se escreveu: *quem prepara ao corvo seu alimento quando seus filhotes levantam sua voz até*

Deus, indo de um lado para outro do ninho por não ter nada que comer? (Jó XXXVIII, 41).

Tem o corvo o instinto de olhar seus filhotes quando nascem, vê que são branquinhos e se movem de um a outro lado do ninho abrindo seus biquinhos e pedindo alimento. Porém, o corvo não lhes dá esse alimento, enquanto não os vê com plumagem negra, ou seja, reconhecendo pela negrura que lhes são semelhantes. Só depois que a plumagem se torna negra, põe todo seu esforço em alimentá-los. De modo semelhante, também acontece com os filhos ou discípulos dos Profetas. Com seu exemplo chegam a conseguir tanta graça que bebem da Torrente de minhas delícias, como bebeu o Profeta Elias. Entretanto, quando pela fraqueza da própria natureza não chegam a gozar de minha suave doçura, devem dirigir suas súplicas a mim, movendo-se com o desejo de um lado para outro, porque ainda não lhes é possível tomar o desejado alimento da doçura espiritual, como está escrito: *Em verdade vos declaro: se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no Reino dos céus (Mt VVIII, 3)*. Devem, primeiro, reconhecer humildemente que ainda são filhotes ou crianças na virtude e não deixar de crescer no bem para não cair no mal, pois está escrito: *porque todos nós caímos em muitos pontos (Tg III, 2)*.

Muitas vezes descuidam em considerar a grandeza de seus pecados e da própria miséria e, por isso, não podem vestir-se da negrura da humildade, tão necessária para se preservar do brilho vão da soberba do mundo. Quanto mais pretendam brilhar no exterior, fatigando-se nas atenções da presente vida, tanto menos aptos estarão para poder receber e saborear em sua alma aqueles manjares espirituais.

O corvo olha os biquinhos abertos de seus filhotes que famintos lhe pedem de comer, porém enquanto não os vê coberto de negro não lhes dá alimento. O Profeta, antes de levar a seus discípulos o escondido manjar de minha doçura, lhes ensina e exorta a que, como ele, deixem o brilho vão da presente vida e esperem para ver se, pelos sofrimentos da penitência e da consideração de seus pecados se vistam de negro e se reconheçam humildes em sua fraqueza. Se com a humilde confissão de sua vida passada, se vestem como de negras plumagens de prantos e gemidos brotados do íntimo da alma, meu Profeta acudirá solícito a todos que o peçam, com o regalado manjar, que eu mesmo lhes tenho preparado. Para que os discípulos se dêem perfeita conta de que os alimentos oferecidos pelos Profetas, são recebidos diretamente de mim, muito prudentemente é explicado em forma de pergunta: *Quem prepara ao corvo o seu sustento, quando seus*

filhinhos gritam para Deus, quando andam de um lado para outro sem comida? (Jó XXXVIII, 41). Toma, pois, consciência disso: só Deus dá a comida e nenhum outro, como está escrito: *Que dá sustento aos rebanhos, aos filhotes dos corvos que por ele clamam (Sl CXLVI, 9).* Quando tu chegares à perfeição profética e viveres com perfeição o fim da vida monástica e eremítica, e te seja dado beber da Torrente de minhas delícias, não te envaideças por degustar tanta doçura; nem desanimes se sentires que desaparece por algum tempo por causa da fraqueza e miséria de teu corpo.

Tenhas muito cuidado para não desceres da altura dessa perfeição e voltares a abraçar algumas das coisas que já havias deixado e renunciado; porque *Aquele que põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o Reino de Deus (Lc IX, 62);* e por isso: *prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para a frente (Fl III, 13), esforça-te e prossegue até obteres o prêmio a que Deus te chama desde o alto.* Não se prometeu o prêmio ao que começou, senão: *aquele que perseverar até o fim será salvo (Mt X, 22).*

Para isto, como os filhotes do corvo no ninho, debes dizer-me em súplica ininterrupta: *Como a corça anseia pelas águas vivas, assim minha alma suspira por vós, ó meu Deus (Sl XLI, 2).* E se não voltares a saborear logo daquela suavidade e minha doçura, já antes provada, é

para que perceba que, se chegaste a saborear tão inefável doçura, não foi por teus próprios méritos, senão por benignidade minha, e, em segundo lugar, para que a desejes com maior veemência. E para que nesse tempo não desanimes, *mandei aos corvos que te levem ali o alimento*, e assim dispus que os Profetas santos, teus antecessores, te alimentassem com a doutrina dos exemplos da humilde penitência. Pois, humilhados com a penitência, viam eles a negrura de seus pecados e não caíam no fascinador brilho da vida carnal. Para que durante esse tempo saibas o que tens de fazer, diz: *O sábio procura cuidadosamente a sabedoria de todos os antigos, e aplica-se ao estudo dos profetas (Eclo XXXIX, 1)*.

Esforça-te por afastar de ti o brilho vão da vida presente com a meditação da própria fraqueza e da prática da verdadeira humildade, elevando ao Senhor fervorosas e humildes preces, no reconhecimento de teus pecados, como se fossem as plumas negras do corvo. Assim, te dará o Senhor de beber novamente e saborear a doçura do manjar que nasce da Torrente de sua delícia. Por isso se escreveu: *Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta (Mt VI, 26)*.

Já te ensinei como debes viver para perseverar humilde na perfeição da vida profética eremítica.

Capítulo LXX

Santo Elias alcançou a perfeição da vida eremítica pela renúncia dos bens, pela pureza da castidade e pela negação da própria vontade

Assim que Elias ouviu do Senhor a referida disposição para alcançar a perfeição profética, o fim da vida monástica eremítica e o modo de permanecer na perfeição, meditou que *não são justos os que ouvem a lei, mas serão tidos por justos os que praticam a lei (Rm II, 13)*. Por isso, dedicou-se, com todo o esforço de sua alma, a trabalhar para conseguir essa perfeição profética e viver com toda delicadeza o fim da vida monástica e eremítica e pôr por obra a ordem recebida do Senhor como o lemos nas já citadas palavras do Livro dos Reis; *Elias partiu, pois, segundo a palavra do Senhor, e estabeleceu-se junto à torrente de Carit, defronte do Jordão. Os corvos traziam-lhe pão e carne, pela manhã e pela tarde, e ele bebia a água da torrente (III Rs XVII, 5)*.

Exporemos agora as palavras copiadas no sentido histórico e no místico já que os dois sentidos se cumpriram em Elias.

Foi, pois, Elias; aonde foi? Contra o Oriente até o Jordão, que quer dizer: contra a natural concupiscência do corpo. Como, na natural inclinação de seu corpo não se sentia o bem, preferiu não ser devedor da carne, para não viver segundo a carne; pois como diz o Apóstolo: De fato, se viverdes segundo a carne, haveis de morrer; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras da carne, vivereis (Rm VIII, 12-13).

Elias, para viver perfeitamente no espírito para Deus, crucificou sua carne com os vícios e paixões (Gl V, 24), mortificando os membros dos pecados, que se cometem no mundo como são: a fornicação, a sensualidade, a torpeza e a desvirtuada concupiscência, de uma maneira mais perfeita que seus antecessores. Para se igualar aos anjos imitando-os em seu modo de viver pela pureza da castidade e a incontaminação de sua carne, formoseou sua alma oferecendo-a por amor de Deus, o primeiro de todos os homens, a virgindade perpétua. Negando-se a si mesmo em tudo e renunciando seu próprio querer, cumpriu diligentemente a vontade de seu Superior, que era o mesmo Deus, segundo se disse dele: *que foi onde lhe levava a Vontade de Deus* e continua dizendo: *agiu segundo a Palavra de Deus*: pois havendo saído de sua terra natal e de sua família e da casa de seu pai, estabeleceu sua moradia na solidão, e, tendo tudo isso

renunciado, Deus lhe deu coisas mais nobres, como foram: preservar-lhe da morte e elevá-lo à perfeição da vida monástica.

O povo de Israel, pervertido pouco antes por seu rei Acab, adorava a Baal como o doador da chuva, da fertilidade e dos demais bens temporais. Não percebia o povo que tudo isso lhes dava o verdadeiro Deus de Israel e não Baal como se condoia o Senhor dizendo por um Profeta: *Ela não reconheceu que era eu quem lhe dava o trigo, o vinho e o óleo, e quem lhe prodigalizava a prata, e o ouro que se consagra a Baal (Os II, 10).*

Querendo Elias mostrar, tanto ao rei como ao povo de Israel, que o Deus verdadeiro era o que ele adorava e que Baal, a quem adorava o rei instigado pela rainha e que a pouco obrigavam que o povo o adorasse, era um deus falso, em nome do Senhor lhes anunciou que enquanto adorassem a Baal não lhes daria mais chuva e *nesses anos assinalados não cairia nem uma gota sobre a terra até que Elias o pedisse ao Deus de Israel.*

Pela falta de água, sobreveio uma terrível fome em toda a Samaria, e, por isso, o rei buscava a Elias para matar-lhe. Mas, antes que o rei lhe buscasse, obedecendo Elias à palavra de Deus, evitou que o pudesse encontrar, saindo de sua pátria, deixando seus parentes e seus pais e fugiu à solidão.

Continua dizendo o texto: *caminhando, retirou-se junto à Torrente de Carit que corre enfrente (contra) o Jordão*; desde esse tempo abraçou Elias em silêncio e com firme vontade, viver a aridez do deserto e foi o primeiro homem que deliberadamente escolheu viver a vida monacal eremítica; e começou a bem vivê-la segundo o significado do nome, na solidão da Torrente de Carit; pois Carit quer dizer *separação*, para que o nome do lugar onde estabeleceu sua morada indicasse a separação do trato e da vida dos homens do século.

Assentou-se solitário na Torrente de Carit, *derramando como uma Torrente de lágrimas dia e noite (Lm II, 18)*; deste modo estava contra o Jordão, que é contra a caída no pecado. Neste seu modo de viver com quanta perfeição, começava a ser, então o primeiro entre todos os homens a ter a vida e o estado de monge.

Daí por diante foi sempre um verdadeiro monge, pois permaneceu *só ou singular*, e compungido chorando abundantemente seus pecados e os alheios.

A interpretação mística é: *e havendo caminhado Elias frente, ou contra o Jordão*, ou seja: atacando a natural concupiscência de sua carne, *se retirou à Torrente de Carit, que está enfrente ao Jordão*; pois permaneceu vivendo sempre em Carit, que é o amor de Deus. A *caridade* divina afasta do Jordão, que é a queda no pecado. Ele viveu no amor e assim dizia: *vive o Senhor*

Deus dos exércitos, em cuja presença estou (III Rs XVII, 1). E com razão merecia estar diante da excelsa grandeza da Majestade divina, pois assentado seu espírito no mais alto cume da perfeição, de tal modo viveu que ninguém nascido de mulher foi jamais superior a ele na plenitude da perfeição. E ainda que o Salvador dissesse que *entre os nascidos de mulher não havia vindo à luz ninguém maior que João Batista (Mt XI, 11)*, Elias foi igual ao Batista como o afirmou o Arcanjo Gabriel quando disse a Zacarias: *que João iria diante do Senhor revestido do espírito e da virtude de Elias (Lc I, 17)*. Como o coração do Profeta de fogo se abrasava dentro de si mesmo em ardente amor vivendo na solidão, e como crescia o fogo do divino amor na oração, gozava com freqüência do regalo da inefável glória de Deus e descansava na Torrente da divina delícia, que Deus dá a beber aos que O amam, segundo o disse o Profeta: *Vós lhes dais de beber na Torrente de vossas delícias (Sl XXXV, 9)*. Elias procurava descansar no gozo da contemplação de regalos tão inefáveis e de tão altas delícias; porém não podia fazê-lo por muito tempo por causa da fraqueza do corpo. Voltando a seus sentidos saboreava umas vezes no interior a recordação de tanta suavidade, e outras vezes dava fortes suspiros pelas ânsias de voltar a saborear doçura tão deleitosa. E continua o texto: *os corvos lhe levavam pão e carne pela*

manhã e o mesmo pão e carne pela tarde. Com estes alimentos, Elias confortava no deserto o desfalecido corpo para não morrer. Nem se duvida que era o mesmo Deus quem lhe levava o pão e a carne por meio dos corvos, pois o havia anunciado antes de que fosse à Torre de Carit: *ordenei aos corvos que te alimentem (III Rs XVII, 4)*. Confiado nesta palavra do Senhor todo o tempo que permaneceu em Carit, deixou Elias o cuidado de sua alimentação nas mãos de Deus, pois Ele tinha cuidado de Elias. Tudo quanto necessitava para esta vida, o proporcionava Deus, porque o Profeta *buscava primeiro o reino de Deus e sua justiça (Mt VI, 33)*. Refletindo misticamente, seus predecessores, os Profetas, simbolizados pelos corvos, segundo já explicamos, o proporcionavam o *pão* da compunção e da penitência e a *carne* da verdadeira humildade. O traziam *pela manhã*, ou seja: quando se alegrava com a recordação da suavidade gozada, e *igualmente pela tarde*, quando lhe invadia a tristeza por haver deixado de gozar suavidade tão regalada. E, para que não morresse de tristeza recordando a suavíssima doçura perdida, *os corvos lhe levam pão*, do qual se disse: *os alimentarás com o pão das lágrimas (Sl LXXXIX, 6)*. Pois os Profetas santos, com os exemplos que lhes havia deixado nas Divinas Letras, lhe traziam à memória a negrura de seus pecados e meditando sobre

eles se fartava com dor e lágrimas e humilhado, se via indigno de saborear aquela inefável delícia, a qual havia antes gozado não por seus méritos, mas por pura bondade de Deus. E para que não tivesse vanglória, recordando a alegria da suavidade recebida, os *corvos lhe levam carne*; porque os Profetas Santos com seus exemplos lhe punham diante dos olhos a fragilidade e a torpe inclinação de seu corpo apagando com isso as suaves alegrias passadas. A meditação de sua fragilidade era o alimento que lhe ensinava a permanecer humilde vendo *como toda a carne é como feno e toda a glória como a flor do prado (Is XL, 6)*. Meditando sobre a fragilidade de sua carne e sobre seus pecados, *as lágrimas foram seu pão de dia e de noite*, enquanto os corvos, que são os Profetas, lhes diziam diariamente *onde está o teu Deus? (Sl XLI, 4-11)*. E continua o texto: *bebia na Torrente*, isto é: da água da Torrente, abstendo-se do vinho a fim de que seu espírito estivesse mais bem preparado para receber aquela água de sabedoria saudável, da qual se disse: *eu lhe darei a beber a água da ciência saudável (Eclo XV, 3)*, e esta fonte de sabedoria é uma caudalosa Torrente (*Pr XVIII, 4*). Arrebatado de novo o espírito, era transportado Elias ao lugar do admirável Tabernáculo até a Casa de Deus (*Sl XLI, 5*). Deste modo vivia Elias no deserto a vida profética e monástica.

Capítulo XX

Vivendo Elias na Torrente de Carit, tomou os primeiro discipulos, Filhos dos Profetas, para formá-los na vida monástica.

Elias o primeiro de todos os homens que começou a viver a vida monástica e eremítica e estabeleceu sucessores que continuaram vivendo-a perpetuamente. E, para ser o Pai de todos os monges, escolheu por discipulos alguns santos varões, que se refugiavam com ele na Torrente de Carit, afim de não se verem forçados pelo rei Acab e a rainha Jezabel a renderem adoração a Baal como o resto do povo.

Estes santos varões cheios do amor de Deus, vendo que Elias com sua palavra havia fechado o céu para que caísse chuva sobre a terra, iam ocultamente à solidão de Carit, olhando Elias como o guardião do Deus verdadeiro e se punham sob sua direção para poderem se livrar da idolatria e, com seu ensinamento, perseverarem dando culto ao Deus verdadeiro.

A estes varões temerosos a Deus, teve Elias por primeiros discipulos e verdadeiros imitadores de sua vida monástica tal como o Senhor lhe havia ensinado. Também os ensinou a profetizar, ou seja: cantar

louvores a Deus com hinos e salmos acompanhados de instrumentos musicais. *Compreendeu que É bom louvar ao Senhor e cantar salmos ao vosso nome, ó Altíssimo; proclamar, de manhã, a vossa misericórdia, e, durante a noite, a vossa fidelidade, com a harpa de dez cordas e com a lira, com cânticos ao som da cítara (Sl XCI, 2-4).*

O eclesiástico, reconhecendo esta obra de Elias e em seu louvor, disse: *formastes Profetas que te sucederam (Eclo XLVIII, 8)*. Alguns escritores tomando as palavras do Eclesiástico muito superficialmente se esforçaram em interpretá-las no mesmo sentido que tinham quando Deus disse que Elias: *ungirás a Eliseu... por Profeta teu sucessor (III Rs XIX, 16)*.

Porém não está nada claro que seja este o sentido das palavras do Eclesiástico: o Apóstolo São Pedro disse: *Porque jamais uma profecia foi proferida por efeito de uma vontade humana. Homens inspirados pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus (I Pd I, 21)*. Como era possível que Elias fizesse Profetas que predissessem o futuro, quando só o Espírito Santo pode fazê-lo e estando fora do poder humano? Também confirma isto mesmo o Apóstolo São Paulo que diz: *a um dá o Espírito o dom de milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, a variedade de línguas; a outro, por fim, a interpretação das línguas.*

Mas um e o mesmo Espírito distribui todos estes dons, repartindo a cada um como lhe apraz (I Cor XII, 10-11).

Não se há de pensar que Elias fizesse tais Profetas, pois só o Espírito Santo os forma. Deixando, pois, este sentido por estar certamente fora da intenção do Eclesiástico e procuremos esclarecer o que quis dizer o Sábio. Sabemos, com certeza, que as Divinas Escrituras chamam de Profetas não só aos que vêem de antemão e predizem o futuro, mas também aos homens dedicados a canta devotamente os louvores de Deus acompanhando-se com instrumentos musicais. O Livro das Crônicas diz com estas palavras: *Os cantores, filhos de Asaf, estavam nos seus lugares, segundo as disposições de Davi, de Asaf, de Hemã e de Iditum, os profetas do rei (II Cr XXXV, 15).* Neste lugar se denominam Asaf, Hemã e Iditum Profetas de Davi, porque este rei os instituiu cantores para louvar a Deus com instrumentos musicais como se escreve em outro lugar do mesmo Livro: *Davi e os chefes do exército apartaram para o serviço os filhos de Asaf, de Hemã e de Iditum, que profetizavam ao som da harpa, da cítara e dos címbalos. Eis a lista dos homens encarregados deste serviço (I Cr XXV, 1); e pouco mais adiante diz: Iditum, que (profetizava) cantando com a cítara posto à frente dos que celebram louvores ao Senhor (I Cr XXV, 3).*

Neste lugar se diz dos filhos de Asaf, Hemã e Iditum, que profetizavam não porque viam ou anunciassem o futuro, mas porque louvavam a Deus e lhe cantavam ao som de instrumentos musicais como se diz um pouco mais adiante no mesmo Livro: *Eis, portanto, os que, sob a direção de seus pais, estavam encarregados do canto no templo. Tinham címbalos, cítaras e harpas para o serviço do templo, sob as ordens de Davi, de Asaf, de Iditum e de Hemã (I Cr XXV, 6).*

Segundo isto, quando o Sábio escreve de Elias: *formas Profetas que te sucedam*, não o diz porque lhes comunicara o espírito de ver ou anunciar o futuro, mas porque fundou os monges não só para que quando ele desaparecesse continuasse vivendo a vida monástica do mesmo modo que Deus lhe havia manifestado, mas para que cumprissem o ofício de *profetizar* ou seja: de cantar devotamente a Deus salmos e hinos e que louvassem a Deus com o coração e com a boca, acompanhando-se com instrumentos musicais. Por esta razão, se chamam *Profetas* que equivale a cantores de Deus acompanhando-se com instrumentos musicais e no modo de vida consagrada que tinham, se chamou profético, que significa vida consagrada a cantar louvores e salmos a Deus acompanhando-se com instrumentos musicais. E porque obedeceram com ânimo generoso e pronto ao santo Profeta, tanto no

cantar os salmos com devoção e com esta solenidade, como em observar a vida monástica do modo que Deus o comunicou a Elias, mereceram que o Eclesiástico lhes dissesse o mesmo que falou de seu Pai Elias: *ditosos os que te viram e foram honrados com a tua amizade (Eclo XLVIII, 11)*.

Estes são aqueles *Profetas do Senhor*, dos quais Abdias, como se diz no *Livro dos Reis*, que preservou cem deles da morte, escondendo-os em cova, quando a rainha Jezabel fez matar a todos os demais. A Divina Escritura os dá ali o nome de *Profetas*, não porque previssem então, nem profetizassem o que havia de suceder, senão porque devotamente cantavam a de salmos, cânticos e hinos acompanhando-se com instrumentos músicos, como já dissemos e ainda o verás melhor com o seguinte: Lemos no *Livro dos Reis* que Abdias disse a Elias que havia escondido em covas e preservado da morte a cem destes *Profetas do Senhor*. Pouco depois se apresenta Elias no Monte Carmelo diante do povo e diz: *eu sou o único dos Profetas do Senhor que fiquei (III Rs XVIII, 22)*. Sabendo Elias que ainda viviam cem *Profetas do Senhor* escondidos por Abdias. Como este homem de Deus pode dizer sem mentira: *eu sou o único dos Profetas do Senhor que fiquei?* Muito longe de nós nem ainda suspeitar que homem tão santo dissesse mentira já que a Divina Escritura nos diz que sua

palavra era como tocha ardente (Eclo XLVIII, 1); nem podemos supor que ignorasse que viviam naquele tempo outros Profetas do Senhor além dele. Como podia ignorar que viviam, quando nem o número dos profetas de Baal ignorava, e declarou então que eram quatrocentos e cinqüentas e outros quatrocentos os Profetas dos bosques sagrados? Não lhe assegurou Abdias pouco antes que o mesmo havia escondido nas covas e preservado da morte a cem Profetas do Senhor? E sabendo que viviam estes cem Profetas do Senhor como era possível que estivesse dizendo a verdade diante do povo anunciando-lhes: *eu sou o único dos Profetas do Senhor que fiquei*, senão porque sabia que naquele tempo não havia no reino de Israel outro Profeta além dele que conhecesse por revelação do Espírito Santo o futuro e o anunciasse aos demais, mesmo quando sabia que viviam estes Profetas do Senhor preservados da morte? Mas, como a Sagrada Escritura chama a estes homens Profetas do Senhor, porque cantavam devotamente os louvores de Deus acompanhando-se com instrumentos musicais e não porque conhecessem ou anunciassem o futuro, como havia então só Elias no reino de Israel inspirado pelo Espírito Santo; atendendo a esta verdade e muito longe de toda a mentira, disse Elias ao povo: *eu sou o único dos Profetas do Senhor que fiquei*.

Capítulo XI. – *Em que tempo começou Elias no Monte Carmelo os primeiros fundamentos da profissão monástica e porque eles se chamaram Filhos dos Profetas.*

Capítulo XII. – *Dos discípulos de Elias. Do primeiro que foi Jonas Profeta.*

Capítulo XIII. – *Do chamamento do Profeta Eliseu, principal discípulo de Elias.*

Capítulo XIV. – *De Miquéias, Profeta, discípulo de Elias.*

Capítulo XV. – *Abdias, Profeta, discípulo de Elias.*

Capítulo XVI. – *Elias foi para seus discípulos o modelo da vida monástica, com seus atos e suas palavras. Dele procede a origem da vida monástica.*

Capítulo XVII. – *Se explica porque os monges sucessores de Elias se chamam Carmelitas e não Caritas.*

Capítulo XVIII. – *O Senhor aparece a Elias no Monte Horeb e lhe manda que volte a Israel.*

Capítulo XIX. – *Elias escolhe o Monte Carmelo para viver ele e seus discípulos.*

Capítulo XX. – *Porque preferiu Elias o Monte Carmelo a outros montes.*

Capítulo XXI. – *No Antigo e no Novo Testamento muitos Padres desta religião viveram no Monte Carmelo, à imitação de Elias, guardando a justiça, o retiro e o silêncio.*

Capítulo XXII. – *Porque Elias e Eliseu fundaram nas cidades os grupos dos Filhos dos Profetas, as quais depois de uma primeira*

formação sobre vida monástica faziam sua profissão.

Capítulo XXIII. – Elias é arrebatado ao Céu e Eliseu lhe sucede no espírito de profecia e no ofício de superior.

Capítulo XXIV. – O Profeta Eliseu visita os conventos dos Profetas e ressuscita um morto.

Capítulo XXV. – Eliseu instruiu aos recabitas na vida monástica e seus milagres.

Capítulo XXVI. – Os monges Carmelitas, pela misericórdia de Deus, se viram livres do cativeiro o povo judeu.

Capítulo XXVII. – Os recabitas não foram levados a Babilônia junto com o povo judaico.

Capítulo XXVIII. – Os monges Carmelitas Cristãos são da mesma religião que os

monges fundados por Santo Elias no Carmelo na Lei Antiga.

Capítulo XXIX. – João Batista foi verdadeiro imitador de Elias. Batizou aos Filhos dos Profetas sucessores de Elias e os instruiu para que recebessem a fé em Cristo.

Capítulo XXX. – Os Carmelitas se converteram à fé em Cristo em Jerusalém depois da Ascensão e foram batizados com o Batismo de Cristo.

Capítulo XXXI. – Os Carmelitas vendo os milagres dos Apóstolos se fortaleceram na fé e se fizeram seus coadjutores.

Capítulo XXXII. – Os Carmelitas com a Luz do Evangelho compreenderam melhor alguns mistérios que lhes havia comunicado o Profeta Elias.

Capítulo XXXIII

Que mostrou Deus a Elias na nuvenzinha. – Explicação alegórica da visão

Nesta visão mostrou Deus a Elias o tempo em que seus discípulos veriam *aquela nuvenzinha*, (ou seja, a Virgem Maria), a subir do mar da amargurada e manchada natureza humana. Pois na mesma visão se significou que ninguém a veria subir, antes que ele subisse uma vez pelos dez degraus e olhasse o mar, e logo voltasse a olhar o mar outras sete vezes pelos mesmos degraus já que Elias disse a seu servo: *anda a ver, e observa até o mar. Havendo ido o servo voltou dizendo: não há nada*. Perguntamos: que significa subir o servo de Elias uma vez os dez degraus para olhar o mar e não ver então nada especial? Certamente isto quer dizer que o servo, ou seja, a Congregação dos discípulos de Elias subiu meditando, primeiramente, por aquelas dez gerações humanas, que São Lucas põe na genealogia de Cristo, e existiram antes do dilúvio na primeira idade do mundo desde Adão até Noé; e examinando de Noé até Adão se nesse tempo havia alguma *nuvenzinha*, ou seja, alguma *jovenzinha* que nascesse subindo do mar, quer dizer, fora da

descendência amarga e triste da natureza humana. Como o servo não visse, naquela primeira idade do mundo, a nuvenzinha ou juvenzinha semelhante, ele (representando a Congregação de religiosos) disse: *não há nada*. Obedecendo ao mandato de Elias, o servo voltou outras sete vezes a olhar o mar, pelos mesmos dez degraus; *volta outra sete vezes*; nas seis primeiras não se apresentou nada diante de sua vista. Que o servo, ou seja, a Congregação dos discípulos de Elias voltasse a subir os dez degraus e não visse nada, significa que continuou examinando e olhando por outras seis décadas de gerações humanas escritas por São Lucas na genealogia de Cristo desde Sem, filho de Noé, até Jamne, filho de José. A primeira década destas gerações começa em Sem, filho de Noé e termina em Tare, filho de Nacor. A segunda começa em Abraham, filho de Tare e termina em Salmon, filho de Naason. A terceira começou em Booz, filho de Salmon, e terminou em Joná, filho de Eliaquim. A quarta começou em José, filho de Jonas, e terminou em Elmadám, filho de Her. A quinta começou em Cosán, filho de Elmadán, e terminou em José filho de Judá. A sexta começou em Semeei, filho de José e terminou em Jamna filho do outro José. O servo, ou seja, a Congregação dos discípulos de Elias subiu examinando e meditando por essas seis décadas escritas por São

Lucas na genealogia de Cristo, quer dizer, por todo o transcurso de tempo que correu desde Jamne até Sem, olhando se nesse tempo havia aparecido a *nuvenzinha*, ou seja, se havia nascido a menina, e, como em todo esse tempo não havia nascido, não puderam vê-la dos discípulos de Elias. Mas, quando voltaram a sétima vez, se lhes apareceu a *nuvenzinha*; porque no tempo que transcorre durante a sétima década daquelas gerações, nasceu a Virgem Maria, e os discípulos de Elias a viram. *À sétima vez viu que subia do mar uma nuvenzinha pequena como a mão de um homem.* O já nomeado Jamne, em quem termina a sexta década daquelas gerações, teve um filho a quem pôs o nome de Melqui; e neste filho começou a sétima década destas gerações. Este Melqui foi pai de Levi e Levi teve dois filhos: um a quem São Lucas chama Matat, avô de José, esposo de Maria. Este Matat tinha um irmão que foi o avô de Joaquim, casado com Ana, de cujo matrimônio nasceu a Virgem Maria. E assim, na sétima vez que voltou, ou seja, naquela década das gerações correspondente à sétima, ou seja, desde que Deus mandou aos homens depois do dilúvio que voltassem a povoar a terra, nasceu a Virgem Maria. Os religiosos que pertenciam a esta religião a visitaram muitas vezes em Nazaré, em Jerusalém e em outros lugares, antes que ela partisse desse mundo.

Capítulo XXXIV

Prossegue a explicação da nuvenzinha, aplicando-a à Virgem

Como esta nuvenzinha, ou seja, a Virgem Santa Maria nasceu na sétima década das enumeradas gerações, na mesma sétima década, os discípulos de Elias a viram, espiritualmente, subir do Mar. Porque antes de que terminassem as dez gerações desde Melqui, na qual temos visto que começou esta sétima década, o Sumo Pontífice do Templo comunicou em Jerusalém aos homens que professavam esta religião, que a Bem-Aventurada Virgem Maria havia prometido viver em virgindade seguindo o exemplo de Elias, como se havia anunciado na visão referida: *à sétima vez viu que uma nuvenzinha pequena (ou seja, a Virgem Maria) como a mão de um homem, subia do mar até o Carmelo; e se apresentou na figura da mão de um homem, que subia ao Carmelo; porque nesta sua subida espiritual, tinha este homem (Elias) por modelo.*

Antes que aquela nuvenzinha subisse ao Carmelo, já haviam subido Elias e seu servo; pois diz o texto: *Elias subiu ao Monte Carmelo. Carmelo significa ciência da circuncisão* e sobe principalmente a esta ciência, aquele

Liber de Institutione

que aprende a arrancar de seu corpo e de seu pensamento, a inclinação sensual, e não só se conserva pela castidade limpo do lodo proibido do desejo carnal, senão que, pela virgindade oferecida e consagrada a Deus, se preserva também imune de sentir qualquer complacência desonesta. Na Lei Antiga mandou Deus a circuncisão para que fosse praticada onde se sentisse mais violenta a luxúria. Assim, com esta prática, iam aprendendo a oferecer a Deus a castidade na mente ou espírito e no corpo e evitar toda a desonestidade. Antes de Elias e seu servo, ou seja, antes da Congregação dos Filhos dos Profetas, discípulos de Elias, ninguém havia subido à ciência da circuncisão ou à ciência da virgindade. Foram eles os primeiros homens, que voluntariamente abraçaram a virgindade perpétua, purificaram por completo seus pensamentos e desejos de todas as complacências sensuais e por esta causa se chamaram *carmelitas*, que quer dizer: *os que sabem a ciência da circuncisão*, porque souberam viver santamente a pureza do coração e do corpo. Desejosos de desterrar por completo de si a concupiscência do corpo e da mente, foram os primeiros homens, que escolheram viver para Deus na virgindade perpétua. Primeiro subiram de verdade *ao Monte Carmelo*, ou seja: à altura da virtude da castidade perfeita, porque de tal maneira subiram até destruir a raiz da luxúria,

que foram os primeiros homens que escolheram abraçar por amor de Deus a perpétua virgindade. Mais tarde subiu também a este *Carmelo*, ou seja, à esta alta ciência da virtude da pureza sem sombra, *aquela nuvenzinha*, quer dizer: a Virgem Santíssima; e *subia como a mão de homem*, porque até então não havia exemplo de virgindade de nenhuma mulher, à qual pudesse imitar, mas só deste homem, Elias, a quem ela se esmerou em imitar. E como Elias soube desterrar de sua carne e de sua mente toda a sombra de sensualidade, a Santíssima Mãe de Deus, à imitação de Elias, livremente procurou preservar-se de toda inclinação sensual. Assim, como que seguindo a mão de um homem, foi a primeira mulher que escolheu viver a virgindade perpétua. Com razão o Divino Esposo, cheio de alegria a felicita dizendo: *tua cabeça ergue-se sobre ti como o Carmelo (Ct VII, 6)*; entendendo aqui por cabeça, a mente; porque como a cabeça dirige e manda nos membros do corpo, assim a mente dirige todas as demais atitudes da alma. O Carmelo significa: conhecer a circuncisão. O Esposo felicita alegre a esta Virgem dizendo: *tua cabeça*, ou seja: tua inteligência, *é como o Carmelo*, isto é: conhece a íntima beleza da circuncisão, já que, com toda a perfeição soubeste apartar-te de todo o gozo sensual, oferecendo a Deus livremente a sua virgindade.

Capítulo XXXIV

Prossegue explicando mais amplamente esta visão de Elias

Finalmente, naquela visão se mostrou aos discípulos de Elias como o Filho de Deus nasceria de uma Virgem. Pois, assim que o servo de Elias, ou seja, a Congregação de seus discípulos viu aquela nuvenzinha como a mão de um homem que subia do mar até o Carmelo, Elias disse: *vai dizer a Acab: arruma tua carruagem e caminha logo para que não te detenha a chuva.*

O sinal indica que estava já iminente a Encarnação do Filho de Deus. Os religiosos desta congregação, assim que souberam que, em Jerusalém, havia uma jovenzinha que tinha oferecido a Deus a perpétua continência virginal, compreenderam que a vinda do Filho de Deus era iminente e estava já às portas.

Elias havia mandado ao servo que subisse a Acab. Esta palavra significa *irmandade paternal*. Isto em figura ou alegoria nos ensina que, pela Encarnação, entre o Filho de Deus e os homens haveria uma *irmandade paternal*, ou seja, que o mesmo Pai, o qual desde a eternidade gerou o Filho, seria também como um Pai para os homens; e, por isso, o Filho não se envergonha de

chamar a seu Pai, um Pai também dos homens dizendo: *Subo para meu Pai e vosso Pai (Jo XX, 17)*.

Porém como antes da Encarnação não havia ainda *irmandade materna* entre os homens e o Filho de Deus, porque ainda não havia nascido de mulher, desejando essa congregação dos discípulos de Elias que fosse logo uma realidade a *irmandade materna*, subiu por meio de sua oração a Acab, figura do Filho de Deus e lhe suplicaram: *arruma tua carruagem*.

A palavra carruagem procede de carro, de correr; é veículo com rodas as quais têm forma circular; o carro é apto para transportar carga. O carro é, por suas rodas, símbolo da natureza divina que se representa por um círculo (ou esfera) que quer dizer que é eterna e, como a roda do carro, não tem princípio nem fim. O Filho de Deus, pela natureza divina, *se elevou como um gigante, a percorrer seu caminho (Salmo XVIII, 6) e sustenta o universo com o poder da sua palavra (Hb I, 3)* segundo a expressão do Apóstolo. Dizia então o servo, ou seja, a congregação dos discípulos de Elias ao Filho de Deus, suplicando-lhe com humildade: *arruma tua carruagem*, quer dizer, une a tua natureza divina à nossa humana e *desce a nós para que não te detenha a chuva*, isto é, que a chuva te acelere e desças como ela, pois é necessário que *Desças como a chuva sobre a relva (Salmo LXXI, 6)*; porque quando a penugem de lã recebe em si a chuva

sem violência, não se rompe nem ao empapar-se nem ao soltar a água quando a espreme, mas permanece íntegra. De modo semelhante, é necessário que, sem violência da obra humana, desças suavemente da *nuvenzinha*, ou seja, da Virgem Maria. *Arrumes tua carruagem*, ou seja, una a natureza divina à humana nas puras entranhas da Virgem, para que ela te conceba, Deus e Homem numa só pessoa, e, ao dar-te a luz, não perca a integridade virginal, senão que permaneça Virgem.

Como nos refere esta visão, Deus escutou favoravelmente a humilde súplica dos discípulos de Elias, de enviar seu Filho, pois continua dizendo que o servo *enquanto fazia isso*, imediatamente *se escureceu o céu e vieram nuvens e vento e começou a cair uma grande chuva*. Por céus se entende aqui a honra, o poder e a Realeza do Filho de Deus, cuja vinda esperava o Profeta Davi dizendo: *Inclinai, Senhor, os vossos céus e descei* (Salmo CXLIII, 5). Pela nuvem entende-se, como já se disse, a Virgem Maria. Pelo vento, o Espírito Santo, como nos disse o Profeta: *faz soprar o vento e as águas correm de novo* (Salmo CXLVII, 7). Diz que se obscureceu o céu, e vieram a nuvem e os ventos, porque o poder do Altíssimo cobriu com sua sombra àquela Virgem, e por obra do Espírito Santo, o Filho de Deus tomou o corpo humano com a alma humana, da

carne daquela Virgem e habitou em seu seio, como o Anjo Gabriel lhe anunciou à Virgem (Lc I, 35); então desceu a grande chuva da graça, *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, (Jo I, 14)*; de cuja plenitude desce sobre nós graça sobre graça, como diz o Evangelista São João.

Capítulo CCCLXVI

*Porque se chamaram os Carmelitas Irmãos da Virgem.
Do Oratório que em sua honra construíram no Monte Carmelo*

Recordavam os religiosos desta Ordem, que Deus de modo especial, havia revelado na visão expressada, como nasceria uma menina, que desde a concepção no seio materno estaria limpa de toda a mancha de pecado e abraçaria livremente como eles a virgindade. Desta Virgem nasceria Deus-Homem. Observavam como tudo isso já estava cumprido, e o gênero humano, por meio da Virgem, já havia recebido o Filho de Deus, sendo Ele o tão desejado e esperado benefício da chuva, ou seja, da graça divina. Assim, se propuseram a honrar com assídua e especial devoção a esta Virgem há tanto tempo profetizada por seus predecessores, tão esperada e agora já apresentada.

Liber de Institutione

Determinaram-se a eleger por Patrona a esta Virgem tão especial, pois entenderam que ela tinha algo de singular, parecido a seu Instituto: ser a primeira mulher que abraçou espontaneamente a virgindade. Como os antigos monges que abraçaram esta religião, religiosos Carmelitas, foram os primeiros que, por amor de Deus, começaram a viver a virgindade voluntária, do mesmo modo, Virgem Santíssima foi a primeira que entre as mulheres fez o voto de virgindade. Esta igualdade especial entre a Mãe de Deus e os religiosos Carmelitas em serem as primícias da virgindade voluntária e com voto, muito tempo antes profetizada e por fim realizada, foi a causa de que, ainda vivendo os Apóstolos, os Carmelitas chamaram à Virgem Maria sua Irmã, e, por esta mesma igualdade, se chamavam a si mesmos Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria.

Não se deve julgar como absurdo que os monges que agora vivem no Monte Carmelo são da mesma religião que eram os que viviam nesse monte antes da Encarnação do Salvador, só por aqueles se chamavam Profetas e Filhos dos Profetas e agora se chamarem Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria.

Antes eram chamados, Profetas, pois, cantavam louvando a Deus os Salmos e cânticos acompanhando-se de instrumentos músicos.

Quando começou a era cristã, cessou o rito de cantar a Deus acompanhando-se de todos aqueles instrumentos músicos e se mudou em outro rito como disse o Apóstolo: *cheios do Espírito Santo, recitai entre vós salmos, hinos e cânticos espirituais. Cantai e celebrai ao Senhor em vossos corações (Ef V, 18-19)*.

Como aquele rito antigo de cantar louvores a Deus acompanhando-se de instrumentos musicais não se usa agora em nossa religião, não se chamam mais *Profetas* os que pertencem a essa religião. Porém, como se indicou, depois que conheceram a proximidade tão expressa e tão própria entre eles e a Mãe de Deus em serem os primeiros a terem oferecido voluntariamente a Deus a virgindade, desde esse tempo se chamaram Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria. Em memória da visão, que simbolizava o nascimento desta Virgem mostrada em profecia a Elias, sob a forma de uma nuvenzinha, que subia do mar até o Carmelo, estes monges, no ano 83 da Encarnação do Filho de Deus, derrubaram o antigo local chamado *Semnon*, e edificaram uma Capela em honra desta primeira Virgem consagrada a Deus, junto à Fonte de Elias, no mesmo lugar onde Elias, quando ia orar, viu *aquela nuvenzinha como a mão de um homem*, que subia do mar até o Carmelo.

Desde esse tempo se reuniam sempre estes religiosos nessa Capela a encomendar-se a essa Virgem e a rezar todos os dias as horas canônicas a esta Virgem e a seu Filho, com fervorosas orações, súplicas e louvores. Na Capela, se reuniam para fazerem, com simplicidade, as exortações e mútuas instruções espirituais e para estudar o modo de salvar a almas.

Esta é a razão porque mesmo os estranhos à Ordem, lhes chamaram ininterruptamente Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.

Capítulo XXXVII. – *Do Hábito dos monges Carmelitas e o primeiro da correia de couro e de seu significado- mortificação da carne.*

Capítulo XXXVIII. – *A Melota, antigo vestido destes monges e seu significado- penitência.*

Capítulo XXXIX. – *Do Escapulário e de seu significado- jugo da obediência.*

Capítulo XLI. – *O Báculo (ou a cruz da profissão) e seu significado- arma contra os ataques dos cães (demônios).*

Capítulo XXX

A Capa branca que levam à imitação de Elias e seu significado

Também se prova com a autoridade da Sagrada Escritura que Elias o Tesbita, o primeiro fundador desta religião, usou como veste a capa.

Com este hábito cobriu seu rosto no Monte Horeb quando Deus passou diante dele. Esta capa pôs sobre Eliseu quando lhe recebeu por discípulo.

Esta capa, ou manto, era um vestido ou peça redonda, que cobria o corpo por cima (do outro vestido) e baixava desde o pescoço até os tornozelos; estava aberta pela frente e fechado todo ao redor; era estreita em cima e amplamente larga por baixo.

Quando Elias se separou de Eliseu para subir ao Paraíso delícias, lhe deixou esta capa. Com isso, Elias ensinou que os monges que tem abraçado esta religião, devem levar por cima do vestido a capa branca, conforme, em profecia, o Senhor os mostrou vestidos, a Sobac, pai de Elias. De fato, antes que nascesse seu filho Elias, viu Sobac em sonhos que uns homens vestidos de branco lhe saudavam. Com esta visão foi-lhe anunciado como vestiriam os imitadores que seu filho teria na vida

monástica. Vendo Sobac aqueles varões vestidos de branco, conheceu, em espírito, os religiosos que seu filho havia de formar. E os viu vestidos de branco, porque seriam imitadores de seu filho, modelo de vida monástica, e que lhe imitariam não só na íntegra brancura da alma, vivendo uma íntima pureza, mas também, na brancura do hábito com que por cima cobriam seu corpo.

Levar a capa branca significa que os monges que têm abraçado esta profissão, devem guardar a pureza de seus pensamentos e desejos, junto com a pureza do corpo, segundo o ordenou o Apóstolo ao dizer: *purifiquemo-nos de toda imundície da carne e do espírito, realizando plenamente nossa santificação no temor de Deus (II Cor VII, 1), porque Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santidade (I Ts IV, 7)*. Elias, que foi o primeiro que introduziu entre os monges o uso da capa branca e quis simbolizar com ela, que o monge, vestido de sua capa branca, deve conservar intacta a pureza, não só de sua alma, senão também de seu corpo. Deste vestido é que disse Jó ao Senhor: *De pele e carne me revestiste (Jó X, 11)*. Guarde-se, pois, o monge sempre limpo pela pureza como está escrito: *Em todo o tempo estejam teus vestidos sempre limpos e brancos (Ecle IX, 8)*.



Isto que acabo de escrever largamente sobre o modo de vestir de nossa religião e seu espiritual significado, ensina ao religioso a veneração que deve sentir por seu hábito e a ser muito circunspecto nas obras, palavras e nos pensamentos e afastar-se, de verdade, de tudo quanto possa ter alguma semelhança de mundano e a mostrar em suas obras e costumes aos olhos de Deus, o que diante dos olhos dos homens representa o hábito: *envolvido de luz como de um manto (Sl CIII, 2)*; porque está escrito: *feliz o que vela e guarda seus vestidos, para não andar nu, ostentando a sua vergonha. (Ap XVI, 15)*. Digne-se no-lo conceder Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, que com o Pai e o Espírito Santo. Vive e reina Deus Bendito e Glorioso por todos os séculos dos séculos. Amém.

